

## Dona Maria Luíza

*"(...) Eu gosto de lembrar. não acho nada ruim do que passou. porque se a gente lembrasse só para a gente. mas é pra todos. né?"*

Meu pai chegou da Itália dia 5 de Novembro de 1888, ele veio com seis anos e aí ele foi com a família para Laranjal Paulista numa fazenda, de lá, começaram a trabalhar, trabalhar, trabalhar, até que ele guardou um dinheirinho, daí ele ficou moço, casou com a minha mãe, Dona Ângela Viesser Casari. Ela veio também com 6 anos da Itália, se conheceram na "Dona Luíza Benta", fazenda em Jumirim, e de lá, se conheceram, casaram e tiveram os filhos: Plácido, Irene, Augusta, Ernestina, Donária, Ada, Celica, Dolores e eu, que sou Maria Luíza, Filisberto, Arnaldo, Zauri, Ermelindo, Adélia e Lúcia. Uma morreu com 21 anos, um morreu com dois anos e meio, outro nasceu e morreu.

Então papai veio no navio com a família dele: Anacleto (que é o pai), Prassede (que é a mãe), Armando (que é um irmão), Quirino (outro irmão), Egra (outra irmã) e esse que não se fala dele, não chegamos a conhecer.

Quando eles chegaram da Itália, não sabiam pedir comida, choravam, queriam comer, que lá eles eram bem de vida, chegou aqui, tiveram que ser "camaradas"- empregados nas fazendas- não sabiam pedir comida, choravam. Depois que o meu avô foi adquirindo dinheiro, comprou um terreno, daí começaram a viver melhor.

Depois, meu pai quando casou, a vida dele começou melhorar, ele negociava cereais, começou a negociar café, e foi aí que ele melhorou de vida, ficou bem de vida e matou a saudade do que ele comia lá, mandava vir vinho de Portugal, vinho da Itália, maçã da Itália, pêra da Itália, de caixas... . Daí ele passou uma vida maravilhosa, comprava tudo o que vinha de lá, que ele tinha saudade, porque depois de pequeno ele nunca mais viu... . Isso tudo foi no tempo de Getúlio Vargas; que época que foi? Mas aí deu a queda no café, aí ele não estava mais bem de vida, ele tornou a negociar algodão, essas coisas, e melhorou de vida outra vez.

Nós passamos muito bem, tudo o que a gente quis, tudo o que comiam lá na Itália, nós comíamos aqui, tudo ele mandava vir de lá, aí nós passamos muito bem, depois...

Foi uma época dura, era o que ele contava pra gente, logo que ele chegou da Itália, porque eles não entendiam a língua e não

podiam pedir, e mesmo que pedissem, o patrão não dava, eles (os patrões) eram aqueles carrascos sabe, caboclo antigo mesmo, e fizeram o italiano de escravo, como os pretos. A minha família sofreu muito, toda família que vinha sofria, depois, eles eram muito trabalhadores...

Papai ajudava muito os outros, ele ajudou muito a pobreza, o preto ele ajudou muito também. Foi uma vida mais linda do mundo, mas depois veio a crise do café, veio a crise de uma coisa e outra, então, não foi mais aquela maravilha, mas assim mesmo, nunca faltou nada. Papai foi um homem importante, contanto Maria Amália, que se precisasse de alguma assinatura, nem que fosse não sei lá aonde, nem que ele não conhecesse direito, falasse que conhecia Filisberto Casari - ele tinha um bigodão -, tudo dava um jeito. Ele era um homem de muita confiança, muito honesto, mas demais, demais; ele era um homem íntegro, e a vida da gente foi maravilhosa, nós era bastante gente, bastante irmão...

Mamãe era boa, corajosa, trabalhadora, e ele também, contanto que nunca faltou nada pra gente, embora tenha tido a queda muito forte no café, assim mesmo ele se sustentou; agora, ele era muito sério, severo em casa, não deixava a gente ir em qualquer lugar, ele que levava a gente no baile, nas festas, e mamãe também,

gostava muito de baile, ia com tudo, cinco ou seis pequenos ela ia, punha todos pra dormir e dançava, adorava baile, ela era muito alegre. Ela cantava, minhas irmãs mais velhas cantaram na Igreja, foram uma beleza; ela rezava o terço toda noite, ensinou todas as rezas pra nós, a família era unida no último.

Papai, no começo, só falava em italiano com a gente, depois quando a gente cresceu, ele falava já meio misturado, porque minha mãe veio de Treviso, meu pai veio de Módena, então eles já falavam diferente. Nas fazendas também não tinham escolas; veio uma professora quando a gente estava maior e eles mesmos fizeram a escola - os italianos - eles mesmos trouxeram a professora e aí a metade das minhas irmãs já estavam meio passadas da idade de estudar, elas iam à noite e a gente ia de dia. Só teve uma que ficou analfabeta, que é essa de 91 anos. Meus tios também davam aula particular de italiano e português à noite, como um meio de ajudar no orçamento da família, todos eles trabalharam na lavoura, meu pai também, só depois que ele foi negociar cereais. Comprava de tudo e vendia de estoque de grãos, aí quando ele pegou uma força, ele começou só com café, ia pra Campinas nas plantações de café, despachava, ele ficou muito bem de vida, mas depois, com a queda no Governo de Getúlio...

Antes disso vivemos na fartura, o que ele comprava pra casa! Parecia coisa de supermercado, ele comprava queijo, sardinha de duas latas, bacalhau de duas caixas e frutas que vinham da Europa.

Nas festas, a gente foi criada com a tradição, que vinha de lá, as comidas de lá... . Dia de Natal era uma comida, dia de Ano era outra, dia de Reis era outra. Fazíamos capeletti, raviolli, rosca, pão-de-ló, panetone; tudo o que eles trouxeram de lá na cabeça, eles faziam aqui. Véspera de Natal mamãe fazia duas ou três fornadas de rosca e dia de carnaval se fazia crôstoli. Todo dia era um dia certo de fazer comida.

Presente, a gente fazia uma cestinha, enchia de capim - que Nossa Senhora ia passar no Natal para dar comida para o burrinho - era isso o que eles ensinavam, a gente punha embaixo da cama, depois os pais iam lá, tiravam o capim e enchiam de bombom, de docinhos, e a gente acreditava, ficamos grandes pra deixar de acreditar.

Desde os sete anos a gente trabalhava, ia na escola e quando voltava ia para a roça, fazia o que podia, mas ia. Antes era tudo organizado, não é como hoje que os filhos... O dinheiro era na mão do pai, ele dava quando precisava, o resto punha no Banco; depois houve uma época aqui em Tietê que o Banco se quebrou, os

italianos ficaram tudo sem dinheiro, judiação! Tinha aquela economia suada, né, mas depois, foram em frente de novo.

(...) E a gente em casa era aquela harmonia, a gente chegava da roça contente, cantava, não era como hoje essa gente que reclama, ninguém reclamava e fazia de tudo na roça, não existia maquinaria, era o peso da enxada mesmo. Minha mãe quase tinha o filho na roça, chegava em casa, matava a galinha, punha no fogo, tomava banho, ficava esperando a parteira e tinha o filho!

Mamãe cantava, e quando ela ia dobrar as roupas de noite, ela ensinava a reza pra gente, eu lembro uma inteira:

"Vago in leto  
Co'mi angelo perfetto  
Caro signore Dio  
In leto só d'andare  
Ma nó só d'elevare  
Caso revesse  
Dio me companhece  
De dia e de note  
Fim e punto da mia morte  
Ame cociccia  
Jesus, Giuseppe, Maria  
Sempre en nostra companhia".  
(sic)

Só essa que eu lembro inteira, mas eu sabia o Pai Nosso; ela ensinava tudo, dobrando a roupa e eu nunca ouvi mamãe reclamar

das coisas, ela estava sempre de bom humor, sempre alegre. Olha, ela socava o café em côco, torrava, depois socava, tirava a casca; se queria fazer canjica, socava o milho. Fogão de lenha, a primeira coisa era fazer o forno de assar o pão; fazia a casa, já fazia o forno. Eu falo sempre para as meninas, ninguém reclamava.

Eu tinha um papagaio que aprendia todas as músicas que eu sabia, e quando eu casei ele morreu, quinze dias depois ele morreu de tristeza, porque eu saí de casa, eu era muito alegre. Eu não sabia ficar sem cantar, ficar sem assobiar, eu nunca me lembro de ter tido tristeza.

Meus pais discutiam, mas eu nunca ouvi brigar, mas naquele tempo, se respeitava, minha mãe falava "mecê" para o meu pai, meu pai falava "mecê" para a minha mãe, era coisa de italiano, como se fosse "senhor", "senhora", agora, eu sei que a gente estranha, que hoje, mesmo no namoro, já se começava a brigar. Olha, eu respeitava o meu irmão mais novo como se fosse um pai mais velho da casa, a gente deixava até ele se servir primeiro...

As brincadeiras nossa era em casa mesmo, com uma gaita nós já brincava, olha, era meia-noite e nós dançando com uma gaita, você já pensou? Reunia todos os vizinhos, cantava violinha, correr anel (que usava um tempo), amontoava até cem pessoas, moços e

moças, brincava naqueles terrenos grandes, e tudo era alegre, tudo era divertimento.

Os casamentos eram maravilhosos, tinha toda aquela festa, matava tudo em casa, assava tudo nos fornos aquelas comidas italianas, depois traziam os noivos até na cidade, casavam e iam embora; com as minhas duas irmãs primeiras foram assim. Voltava tudo o acompanhamento lá outra vez, até que tinha comida, tinha festa! Era muito diferente...

Como eu tenho saudade daquela época, ontem mesmo eu fui na casa da minha irmã, coitada, não queria deixar eu ir embora!

Eu sempre tive um sonho, a gente gostaria..., porque tinha a professora que levaria a gente na cidade, em São Paulo; ela dava estudo, em três anos formava professora, a gente sonhava né, mas era bastante irmãos, para mandar tudo não dava, então, meus pais não me deixaram ir, foi só meu irmão. Olha, eu fui aluna e nunca tive uma letra baixa na escola, eu era boa em matemática, eu era boa em português..., e com três anos eu formaria. A professora lidou, lidou, lidou...

Hoje eu acho que é necessário que a mulher estude, trabalhe, seja independente, mas eu acho que o mundo não ficou mais igual, assim a mulher ficou muito independente, sobrecarregou muito ela e

o homem ficou mais folgado, eu acho, no meu parecer. Porque olha, a mulher vai trabalhar tanto que nem o homem, depois chega em casa, tem tudo o que fazer, e o homem fica no bar, bebendo. Nessa parte que eu acho que não deu muito certo, porque olha, todas as mulher primeiro, quando nós mudamos para a cidade, a gente sabe né, nenhuma ia trabalhar, só de solteira, depois casava, parava.

Mas só que a mulher era muito discriminada, não tinha o poder de fazer o que ela queria, sempre era "abaixo" do marido.

Mas que a grande liberdade da mulher, para a mulher foi pior, eu acho. Porque olhe, você pense a mulher, ela faz tudo na casa e tudo lá fora, e o homem?

A coisa mais linda do mundo foi a aposentadoria da mulher, porque ela tem aquele pouco para fazer o que ela quer, mas infelizmente, não é tudo que teve a sorte... . Porque essas aí que nem minha filha que é aposentada e vai trabalhar, isso é uma ganância dela, porque não era preciso, mas enfim, ela gosta...

Minhas filhas falam que eu lembro demais, eu tinha três anos, meu irmão - único homem que tinha na família até aquele tempo - ele se queimou, eu lembro como se fosse hoje o quanto ele chorava, o quanto ele gritava, o que fizeram para aquele bendito, e graças a Deus ele se salvou; a gente tinha aquele amor por ele ser o primeiro

menino na família, o primeiro morreu e depois de nove mulheres, veio um homem ele era o xodó, e eu lembro de tudo, eu tinha três anos. Eu tenho culpa de lembrar?

Eu lembro de tudo o que aconteceu, eu lembro o que passou, mas a gente tem saudade, embora tivesse sido amargo aquele tempo e hoje as coisas são mais fáceis, mas eu tenho saudade..., da mãe da gente, do pai da gente. A gente chegava em casa do serviço, queria achar tudo para tomar banho, mamãe vinha lá achava, ai meu Deus, quando eu lembro..

Agora, o mais difícil de ser italiano era ter que aturar as sogras, as mulheres faziam polenta e escondiam na perna para a sogra não ver, e se queimavam tudo, guardavam tudo, eram tudo empanada; elas viam como tava, quando a sogra ficava doente, tiravam aquela camada, deixavam como tava, daí não percebiam e elas escondiam, e aí passavam aqueles dias de comer à vontade.

Um irmão do meu tio foi trabalhar - eles iam trabalhar em outra região, aonde não tinha muito frio - e ele levou doze pão e doze garrafa de vinho pra passar os oito dias onde ele iria trabalhar; na estrada ele comeu tudo, quer dizer, como era viver se você fosse soltar comida?

Lá era tudo cronometrado, era tudo certinho, e lá elas sofriam muito, porque eram escravas da sogra, a sogra era quem mandava, era a lei dela. É isso só que era ruim lá, do resto...

Tinha ladrão como aqui. A nona criou peru para fazer o enxoval dela pra casar, estavam prontinhos para vender; levantou, não tinha mais nenhum, já tinham roubado e vendido na feira. Para roubar vaca, eles punham um cobertor no pasto para não fazer barulho, e roubavam as vacas de leite.

Os italianos eram uns "leão" para trabalhar, mas eles não se acostumavam com a falta das coisas e eles não entendiam nada, o patrão que ia comprar e trazia as coisas tudo errada...

Como o meu primo padre falava, que só os pretos foram escravizados, mas os italianos foram muito mais, porque os pretos já trabalhavam naquelas turmas, e eles faziam o que podiam, mas os italianos, com aquela vontade de crescer - porque eles morriam de trabalhar - e chegavam no fim do dia sabe qual era a comida deles? Polenta com leite; e era o dia que eles comiam melhor, era o único dia de comer bem; pedia queijo, não tinha, eles faziam aqueles coxos de fubá com sal e jogava água fervendo por cima e iam comer. Só choravam, só choravam, sofreram, e os patrão não dava "canja" para eles sair, não tinham dinheiro para sair, então eram obrigados a ficar,

eles foram mais escravos que o preto, mas ninguém fala disso. Os italianos eram muito gananciosos, muito trabalhador, mas depois de tanto custo, eles puderam se libertar, e o preto se contentava em ficar ali, vivendo naquela miséria, o italiano não...

Eles falavam que chegando aqui, no descer do navio, era só dinheiro, só dinheiro. Coitados, chegavam aqui e viam a dureza, aquela miséria, era o patrão que comprava tudo...

Meu pai também adorava política, eles alugavam um vagão de trem de Botucatu a Itapetininga no tempo de Júlio Prestes, nossa senhora, ele era fanático no último. Votava sempre nele, mas perdeu, não é que perdeu, é que Getúlio entrou com a revolução; depois nós sofremos muito com o Getúlio, sabe por quê? Porque ele, por exemplo, em vez de abaixar por causa do café, a gente tinha que apanhar, secar, beneficiar, por no trem, para ele queimar! Ah, ele judiou de nós né, olhe quanto nós sofremos, fazer tudo para dar pronto pra ele queimar, então fizesse assim, por exemplo, tanto café colheu, um pouco levava para ele queimar, não, ele que judiou dos italianos, os italianos só trabalhavam no café...

A única coisa boa que ele fez foi a aposentadoria, ele foi um segundo Collor. Collor o que é que fez de errado? Foi prender o

dinheiro né, que ele fala até hoje, e o que Getúlio fez de ruim foi queimar o café, não podia ter guardado até hoje?

Só sei que eu gosto de lembrar, tudo as minhas irmãs são como eu, lembram de tudo; às vezes minhas irmãs são revoltadas de lembrar de certas coisas, eu não, eu acho que tudo o que um pai faz, ele não faz pelo mal, ele faz pelo bem, de ser enérgico, e agora as coisas mudou, mas mudou pra pior, por quê, que gosto os pais têm hoje, com esses filhos? Separa, casa, depois casa, já separa, ficou tudo uma bagunça, no meu tempo não tinha isso, os pais eram enérgicos. Depois diz que você olhando seu filho até dezoito anos, tá tudo bom, você pode soltar, aquele ali já tem cabeça feita, mas soltar muito criança...

Eu gosto de lembrar, não acho nada ruim do que passou, porque se a gente lembrasse só para gente, mas é pra todos né? Eu já falei pra bastante gente, passou um ano, dois anos, tudo vai para o esquecimento, a gente lembra, mas não é com aquela tristeza, tudo passa. Deus é certinho, que se fosse tudo o que passou você ter tristeza, Deus me livre ...

Eu não lembro com tristeza a morte dos meus irmãos, eu lembro como uma coisa que tinha que ser.



SECRETARIA DE ESTADO DA PROMOÇÃO SOCIAL  
CENTRO HISTÓRICO DO IMIGRANTE

Rua Visconde de Paraná, 1.416 - Brás - Tel: 292.1077  
CEP: 03044 - São Paulo

**Certidão de Desembarque**

AUTO DE EMIGRAÇÃO - Nº 011-3/90.....

CERTIFICO constar do Livro de Matrícula da Hospedaria de São Paulo, nº 15

do livro documental do CENTRO HISTÓRICO DO IMIGRANTE, os seguintes dados do FAMILIAR:

Nome: Prassede .....

Nacionalidade: Italiano

Filição: Cloto Casari - Prassede

Data de nascimento ou idade: 06 anos

Sexo: masculino

Estado civil: solteiro

Profissão: .....

Vapor: "SAN MARTINO"

DATA DE DESEMBARQUE 05 de novembro de 1888, em Santos

Chefe de família responsável: Cloto Casari (44 anos)

Composição da família: Prassede (36 anos), Armando (11 anos), Stella (03 anos), Egra (07 anos), Quirino (02 anos) e Tanino (meses)

Destino: Europeia, fazenda de Dr. Augusto Cincinato.

São Paulo, 30 de janeiro de 19.....



funcionário responsável pela emissão

MARJORY HIRURA FIGLI  
Chefe do Centro Histórico do Imigrante  
R.G. nº 2.002.505

VÁLIDA